

A PRIORIDADE DO SENSO COMUM E DA FANTASIA EM VICO¹

Ernesto Grassi²

RESUMO: Este artigo defende que a filosofia de Giambattista Vico (1668-1744) é a valorização de uma tradição que, desde os tempos de Descartes, ninguém mais havia levado em consideração. Os motivos que atingem a própria expressão filosófica mais alta e o significado mais vivo em Vico seriam: a nova interpretação e afirmação do *sensus communis*, a defesa do homem como sujeito empenhado na tarefa de definir e adaptar a realidade sobre a base de esquemas que devem ser descobertos e a recusa da prioridade do pensamento racional e de sua linguagem.

Palavras-chave: Giambattista Vico. Humanismo. Senso Comum.

1. O sistema tradicional do pensamento científico³

A *Ciência Nova* de Vico se coloca diante da metafísica tradicional e do racionalismo cartesiano, esboçando um novo método de pensamento científico que em seu conjunto assume a forma de uma reformulação da tradição humanística. Antes de discutir este novo método e sua atualidade é preciso observar a recusa viquiana da metafísica tradicional e da base que o cartesianismo dava para a filosofia, justificada pela convicção de que uma e outro não constituem um fundamento para a “formação” do homem e para a compreensão de sua história. Será preciso também que fale sobre duas direções a partir das quais as ideias humanísticas são submetidas a agressão: a logística e o estruturalismo.

Segundo o ponto de vista tradicional, as observações empíricas se revelam inadequadas para constituir o ponto de partida das afirmações científicas, pois não se pode ir além de um limitado

1 Este ensaio foi publicado originalmente com o título “The Priority of Common Sence and Imagination: Vico's Philosophical Relevance today”, in “Social Research”, XLIII, 1976, pp. 553-575, e reimpresso in G. Tagliacozzo, M Mooney e D.Ph. Verine, sob responsabilidade de, *Vico and Contemporary Thought*, Humanitics Press, Atlantic Highlands 1976, pp. 163-185. A tradução italiana foi feita por E. Rivero.

2 Ernesto Grassi (1902-1991), nasceu em Milão, na Itália; lecionou em universidades da Itália e Alemanha. Um pouco sobre a compreensão de E. Grassi a respeito da filosofia de Vico pode ser visto também no artigo “Retórica como Filosofia: Ernesto Grassi, Vico y el Problema del Humanismo Retórico”, de José M. Sevilla (Universidad de Sevilla), publicado pela revista MONTEAGVDO, Nº 8. 3ª Época, 2003. pg.73-106.

3 Tradução do inglês para a presente edição feita por Rodrigo Ismael Francisco Maia, Doutorando em Polítics and History na Brunel University London - UK e Mestre em Ciências Sociais FFC-UNESP/Marília.

âmbito de experiência. Da mesma forma, as afirmações hipotéticas são inadequadas, pois se resolvem em simples considerações de possibilidade. Uma afirmação pode ser científica apenas se é resultado de premissas universalmente válidas e necessárias. As afirmações são demonstradas e em seguida “explicadas” partindo de tais premissas.

No fim da época medieval, Dante Alighieri em seu *Da Monarquia* deu a seguinte definição do sistema científico das ideias segundo o conceito clássico de metafísica: “Quia onis veritas quae non est principium ex veritae alicuius principii fit manifesta, necesse est in qualibet inquisitione habere notitiam de princípio, on quod analitice recurratur pro certidune omnium propositionum quae inferus assumuntur”⁴. Em outras palavras, as proposições são cientificamente válidas apenas se podem ser deduzidas rigorosamente a partir de um axioma último indiscutível de uma maneira necessária e universalmente válida. Este é o tradicional processo de pensamento científico segundo a formulação de Dante.

Com Descartes, apesar do fato dele começar a partir do *cogito*, a estrutura do pensamento científico não se distancia deste esquema. Ele também busca derivar todas as conclusões possíveis de uma primeira verdade, seguindo o exemplo da matemática e da geometria. Vico notava que a filosofia crítica cartesiana oferecia uma primeira verdade, da qual se pudesse ter a certeza mesmo quando duvidosa⁵. Uma vez que todas as ciências devem ser derivadas desta primeira verdade, o processo de cada investigação, o único objeto de aspirações, isto que sobretudo hoje é honrado e exaltado, é a verdade⁶.

Vico conclui que este modo de proceder prejudica e enrijece principalmente o senso comum (*sensus communis*), que é essencial à ação; também elimina a *prudencia*, ou previdência, pois um caso particular não pode ser derivado da premissa universal, e finalmente se degrada a fantasia ou imaginação, que tem um caráter não racional.

Vico se pergunta quais podem ser as más consequências de tal método sobre a própria educação dos jovens: “nam adolescentibus quam primum sensus communis est conformandus, ne in vita agenda actale firmati in mira crumpant et insolentia. Ut autem scientia a veris oritur, error a falsis, ita a verisimilibus gignitur sensus communis. [...] Quare periculum subest, ne nostra critica adolescentes reddat eloquentiae ineptiores”⁷.

4 De nostri temporis studiorum ratione, in Opere di G. B. Vico (doravante citada como Opere), editada por Fausto Nicolini, 8 vols (Bari: Laterza, 1911-41), 1: 79.

5 Ibid, p. 78: cf e p.80.

6 Ibid, p. 91.

7 Ciência Nova Segunda, na Opere 4: par. 331. (Tradução das passagens da Ciência Nova, a seguir dada como NS, feitas a partir da edição Laterza de Nicolini, mas com frequente referencia para o admirável texto alemão de Erich Auerbach, *Die Neue Wissenschaft über die gemeinschaftliche Natur der Völker* [Rowalts Klassiker, 1966]. Ver também

O pensamento racional também é criticado por Vico, quando argumenta que o conhecimento puramente dedutivo, obtido da primeira premissa, impede a compreensão da história, porque exclui tudo o que é mutável e arbitrário. Vico percebe que as primeiras regras do método cartesiano implicam uma virtual liquidação da história.

A clareza e certeza do conhecimento que Descartes pretende alcançar, segundo Vico, pode pertencer somente ao Criador daquilo que criou, ao passo que para os seres humanos a clareza é limitada ao que eles próprios produzem. Porquê o homem não criou a natureza, não pode conhecê-la. Ele pode conhecer apenas a história que é sua criação (*verum ipsum factum*). Todavia, “todos os filósofos seriamente estudaram para conseguir a ciência deste mundo natural, do qual, porquê Deus o fez, eles apenas têm dele a ciência; e não cuidaram de meditar sobre o mundo das nações, ou seja, o mundo civil, do qual, porque o havia feito os homens, dele podiam conseguir a ciência os homens”⁸.

Mas com qual faculdade os homens têm criado este seu mundo?

2. O Método da Logística

Hoje, a logística, com base em diversas considerações, tem negado a metafísica como procedimento de pensamento científico, mas tem também recusado as ideias “humanísticas”. A lógica tradicional distinguia entre dois métodos para fundar a consciência. Aqui é indispensável que as premissas resultem universalmente válidas e necessárias, pois senão as conclusões seriam somente de caráter formal. Porém as premissas estão necessariamente pressupostas na dedução, pois o procedimento consiste simplesmente em derivar qualquer coisa deste. A “descoberta”, *l'inventio*, das premissas não cabe à dedução.

Em seguida, a lógica tradicional deveria dirigir a atenção ao método indutivo, para examinar se a esse compete a “descoberta” das premissas originais. Mas, se segundo a tradição a indução é entendida como um processo que contém desde a multiplicidade dos casos individuais até uma conclusão universal (a indução como dedução “invertida”), todas as premissas necessariamente e

NS, par. 2: “Até agora, os filósofos têm mostrado apenas uma parte da providência por considerá-la apenas em conexão com ordem natural...; Eles ainda não consideraram isto a partir do aspecto que é peculiar ao homem: cuja natureza tem a qualidade primordial de ser sociável”. Isso traz a discussão feita por Vico entre o que ele chamava filologia e filosofia: “Filologia...[é] a teoria de todas as coisas que dependem da vontade humana” (NS, par. 7): “Filosofia está preocupada com a razão, e isto dá origem ao silêncio da verdade: filologia observa o que a discrição humana estabeleceu como lei, e isto dá razão a consciência do que é certo” (NS, par. 138). Aqui está a diferença entre teoremas filosóficos e aqueles filológicos: “estes teoremas [da filosofia] são o mais próximo da verdade o quanto mais se aproximam de questões universais” (NS, par. 219).

8 Rudolf Carnap e Wolfgang Stegmüller, *Induktiv Logik und Wahrscheinlichkeit* Vienna: Springer, 1959). p.1.

universalmente válidas tornam-se inacessíveis, porque a multiplicidade da qual se parte não pode não ser limitada. Também a logística moderna insiste sobre esta ideia: “O pensamento indutivo deve ser entendido como conjunto de todos os tipos de inferências indutivas, nas quais a conclusão vai além do conteúdo das premissas e portanto não podem ser afirmadas com absoluta certeza”⁹.

A indução conduz apenas à possibilidade. Reduzindo o pensamento científico ao rigor de um processo de inferência, a logística contemporânea traz essa conclusão: “Para decidir se existe uma tal relação, é preciso apenas conhecer os significados das proposições e *não o próprio valor de verdade*”¹⁰. A logística fornece um conceito puramente “formal” de conhecimento e pretende que seja o único possível.

Se para alcançar o “valor de verdade” se deve recorrer à autoevidência das premissas originais, a intuição se tornaria o critério último. Os seguidores da logística notam como consequência que o pensamento científico se torna privado de todo o seu rigor e que a sua terminologia sob influência da imaginação seria usada segundo metáfora e analogia. Assim seria o fim do raciocínio estritamente científico.

Tal conclusão faz com que os seguidores da logística sintam falta de uma linguagem puramente formal, de um “cálculo” que seja expressão de um sistema puramente axiomático. A moderna lógica da ciência também se limita a ser uma lógica puramente formal porque não se interessa por “conteúdos intelectivos”. As conclusões refletidas na cálculo nunca alcançam uma determinada verdade, isso porque os seguidores da logística renunciam à ideia de se guiar para a verdade.

Acontece que a ciência não alega a pretensão de ser metafísica, nem a logística é capaz de dar resposta às questões que nascem da vida. “As supostas proposições de metafísica, de filosofia dos valores, de ética [...] não são mais que expressão de sentimento, que evocam quem escuta semelhante sentimento e disposição de vontade”¹¹. Assim, “a filosofia deve ser substituída pela lógica da ciência, isto é, pela análise lógica dos conceitos e das proposições da ciência”¹². Deste modo, os problemas humanos que afetam a vida concreta não são mais reconhecidos como problemas concretos.

9 Ibid, p.30.

10 Rudolf Carnap, *Logische Syntaz der Sprache* (Vienna: Springer, 1934), p. 203.

11 Ibid, p. iii

12 Michel Foucault, *Les mots et les choses: une archeologie des sciences humaines* (Paris: Gallimard, 1966), p. 365.

3. O Anti-humanismo do Estruturalismo

No seio das discussões que hoje se desenvolvem sobre a metodologia científica há outra teoria da ciência de tipo antimetafísico e antihumanístico que merece ser levada em consideração, que é o estruturalismo.

O estruturalismo nasce da ideia de que é possível realizar uma “ciência humana” apenas se se parte de um exame do homem nos vários “contextos” ou “estruturas”, por meio das quais ele se realiza. O estruturalismo não quer que se estude o homem como objeto de uma abstrata antropologia (a definição que Vico dá do homem é antropológica) e entende colocar uma metodologia da *ciência humana*.

A primeira “estrutura” que está posta em consideração, é aquela da biologia, pois nela o homem aparece como um ser que se desenvolve num contexto de funções e de estímulos (de natureza fisiológica e cultural).

A sociologia representa o segundo “sistema”; nesse, o homem é tomado de acordo com sua concretude. Em sua complexidade, a produção e o consumo de bens (como aspecto essencial do trabalho) constituem as “estruturas” através das quais as várias ações e concepções humanas se tornam compreensíveis. No contexto das necessidades que busca satisfazer, o homem entra em contato ou em conflito com os seus semelhantes e afirma a si mesmo através desta luta ou harmonia.

A linguagem é uma terceira “estrutura” sobre a qual o homem em sua existência concreta pode ser objeto de indagação científica. Isso representa um sistema de sinais, que em seu interior são compreensíveis e analisáveis as expressões singulares como desvios ou variações de um complexo existente e estreitamente entrelaçado.

Nestes três campos a *negação do indivíduo* constitui o ponto de partida da pesquisa. “O que as ciências humanas propriamente devem se interessar, não é um sujeito singular, o ser humano, mas um aspecto puramente formal”¹³.

A configuração anti-humanista do estruturalismo marxista é tanto quanto clara: para conhecer a natureza do homem é preciso atentar ao simples conhecimento das estruturas sociais nas quais ele passa a viver, e estas estruturas resultam da combinação variável dos elementos invariáveis (força de trabalho, meios de produção, apropriação dos produtos). Através das várias combinações destes fatores, se alteram simultaneamente o significado e a função do indivíduo.

13 Louis Althusser et al, *Lire “Le capital”*, 2 vols. (Paris: Maspero, 1965), 2: 179.

Em conformidade com essa tese, o estruturalismo marxista tem programaticamente proclamado a necessidade de um “anti-humanismo” teórico que se contrapõe à filosofia idealista e burguesa, que em todos os seus ramos (epistemologia, interpretação da história, economia política) começa com problemas isolados e em seguida abstratos, sobre a natureza humana.

Althusser, pretendendo fornecer a chave metodológica para a compreensão do marxismo, formulava a sua tese radical nestes termos: “Podemos apenas conhecer alguma coisa sobre o homem sob a condição absoluta que o *mito* filosófico (teórico) *do homem seja reduzido a cinzas*”¹⁴. Segundo Althusser, todos os desejos, os sonhos, as imagens e os devaneios dos indivíduos, uma vez separados do tecido social, pertencem à “irrealidade”, ou simples “ideologia”. O que é “concreto” ou “real” *não* tem a ver com o homem como indivíduo, com as suas paixões subjetivas, com suas esperanças e seus problemas.

4. Senso comum, engenho e fantasia.

Depois de passado em revista os aspectos fundamentais do pensamento científico tradicional, da “filosofia crítica” de Descartes, da logística e do estruturalismo, passo agora aos problemas sobre os quais pretendo submeter em discussão o significado da *Ciência Nova*, de Vico.

Segundo a impostação viquiana, o mundo da história nasce da interdependência das exigências humanas, isto é, dos elementos que o homem está vinculado por necessidade. Disto deriva a necessidade de intervir na natureza humanizando-a, e surge a urgência de estabelecer instituições humanas, comunidades sociais, organizações políticas e diferentes modos de viver. Na base dessa estrutura não há nem considerações filosóficas, nem conclusões teóricas ou metafísicas, mas há o senso comum (*sensus communis*). Me limito a citar uma passagem decisiva de Vico: “O arbítrio humano, incertíssimo por natureza, constata e determina com o senso comum dos homens em torno das necessidades ou utilidades humanas, que são as duas fontes do direito natural das gentes.

O senso comum é um juízo sem qualquer reflexão, normalmente sentido de toda uma ordem, de todo um povo, de toda uma nação ou de todo o gênero humano”¹⁵.

Para compreender o que Vico pensa, é importante sobretudo esclarecer a estrutura profunda do senso comum. Na tradição racionalista o senso comum é considerado como o pensamento

14 NS, pars. 141-142. “Senso Comum é o critério da divina providência que ensinou o homem no sentido que ele pode determinar o que é certo na lei natural das nações” (NS, par. 145). Senso comum é, portanto, a função fundamental que inspirou as mesmas ideias em nações inteiras que não se conhecem.

15 Kritik der Urteilskraft, par. 40, em Gesammelte Schriften, 24 vols. (Berlin: Reimer, 1902-66), 5: 293.

“popular” ou “comum” (no senso negativo do termo). Isto já vale pela interpretação cartesiana do *bon sens*, e depois dessa se pode encontrar em Kant nesta passagem: “A inteligência comum, que enquanto simples inteligência sã (ainda não culta), se considera como o mínimo que se pode sempre esperar de quem aspira ao nome de homem, tem também por isso a não lisonjeira honra de ser decorada com o nome de senso comum (*sensus communis*) e de modo que com a palavra comum (não apenas na nossa língua que por si tem realmente dois significados, mas também em várias outras) se entende o *vulgar*, aquilo que se encontra em toda parte, e que não é absolutamente nem mérito nem um privilégio de posse”¹⁶.

Como consequência, o senso comum que aparece a todos (segundo a formulação de Kant), tem uma estrutura lógica, que “julga apenas mediante princípios obscuramente concebidos”. O senso comum desenvolve apenas a parte de uma capacidade natural, inculta e preparatória destinada a executar a mais ampla e efetiva atividade da razão. Assim permanece imutado o esquema fundamental do racionalismo.

Porém, a ideia viquiana de senso comum deve ser interpretada da mesma maneira como algo que não excede os confins da tradição empirista? A resposta desta questão pode ser dada somente depois que seja respondido o quesito sobre qual seja a capacidade que constitui a estrutura de base do mundo humano e sobre qual seja a capacidade que conduz ao *sensus communis*.

Vico disse que se trata do *ingenium*. A esta capacidade ele atribuiu uma função “inventiva” e não “dedutiva”, ou racional. Do mesmo modo ele caracteriza a sua filosofia e o seu sistema de pensamento científico como “talentoso”, “criativo” e “crucial”¹⁷.

Na *Vindiciae*, se referindo à geometria, Vico sustenta que se se dá um olhar isolado para qualquer teorema euclidiano, se tem a impressão que eles são fragmentados e desconexos, mas se são tomados em suas relações, permitem compreender a fundo a verdade geométrica. A esta função de estabelecer relações Vico dá o nome de *ingenium*¹⁸.

Aqui estão algumas declarações fundamentais de Vico sobre este ponto: “Philologia in rhetoricis docet ingenii acumen sine veritate stare non posse; quod res, quae distractae dissitaeque quam longissime vulgo videbantur, in aliquam latentis veri communem rationem stringit et acuit, in que complurimum longarum ratiocinationum compêndio facto, res illae concinno inter se nexu aptae colligataeque esse deteguntur”¹⁹. Na *De antiquissima Italorum sapientia* se lê: “Dissidium

16 “Topics é a disciplina que faz a mente criativa, critica aquilo que se faz necessário” (NS, par. 498).

17 *Vindiciae*, em *Opere* 3: 303.

18 *Ibid*, p. 304.

19 *Opere* 1: 183.

inventionis et iudicii non aliunde inter Graccos ortum, nisi quod facultatem sciendi propriam non attenderunt. Ea enim ingenium est, quo homo est capax contemplandi ac faciendi similia”²⁰. “Ingenium' facultas est in unum dissita, diversa coniungendi”²¹.

O engenho é a habilidade de descobrir semelhanças, isto é, elementos comuns nas coisas; essas, sob esse aspecto comum, alcançam a universalidade. Este conceito de *ingenium* tem uma tradição, da qual me limito a citar duas vozes. Baltasar Gracián (1601-1658) definiu o engenho como a capacidade “que exprime a relação entre as coisas”²². O conceito, do qual deriva o termo *conceptualismus* usado no maneirismo, consiste no “entender” e pressupor a noção de engenho²³. Ludovico Muratori (1672-1750) definiu o engenho como aquela capacidade e força ativa mediante a qual o intelecto recebe e combina, e revela a semelhança, a relação e o fundamento das coisas²⁴.

A capacidade do engenho assume a importante função de fornecer os argumentos que o processo racional em si mesmo não é capaz de “encontrar”: “Soriti Stoicorum geometrica Renati methodus respondet, Sed ea in geometria utilis, quia eam geometria patitur: ubi et definire nomina, et postulare possibilia licet. Sed ea, ab argumento trium mensurarum et numerorum abducta, et in physicam importata, non tam utilis est ut nova inveniamus, quam ut ordine disponamus inventa”²⁵.

Mas uma transferência pode ser efetuada apenas mediante o esforço de encontrar elementos comuns, e é por isso que Vico definiu o engenho como o requisito do pensamento metafórico, quando sustenta que nas proposições engenhosas prevalecesse a metáfora²⁶. Esta tese teve uma rica tradição. Já Aristóteles chamou a metáfora de “percepção das semelhanças”: “bem transferir é a capacidade de ver as semelhanças”²⁷.

Segundo Vico, a fantasia dá significado a percepção sensível porquanto repousa sobre a capacidade do engenho que estabelece relações ou fatores comuns. Sempre segundo Vico, a fantasia, graças as próprias transferências, constitui a capacidade originária de fazer ver (*phainestai*)

20 Ibid, p.179. “Pois esta é a ordem das ideais humanas: para observar coisas similares, primeiro a fim de expressar-se, e depois para demonstração – primeiro através de exemplo, para o qual uma única semelhança basta...para mentes subdesenvolvidas uma semelhança é suficiente” (NS, par. 424). “Assim, em dias de volta à barbárie se falava de um “homem fantástico”, significando um homem de ingenuidade...Ingenuidade é o que forma [coisas] e que os coloca em harmonia e ordem” (NS, par. 819). “A metafísica atrai a mente para longe dos sentidos, a capacidade poética pode submergir a mente totalmente nos sentidos” (NS, par. 821).

21 Baltasar Gracian, *Agudeza y arte de ingenio*, em *Obras completas*, 3rd ed. (Madrid: Aguilar, 1967). p.242.

22 Ibid.

23 Ludovico Muratori. *La perfetta poesia*, vol. 2. cap. 1.

24 *De antiquissima Italorum sapientia*, em *Opere 1*; 184.

25 *De studiorum ratione*, em *Opere 1*: 86.

26 Poetics 1459 a4. Cf. NS, par 209: “O mais antigo homem, como criança da raça humana...sentiu a necessidade de compor personagens poéticos para si, ou seja, gêneros imaginativos ou universais, a fim de reduzir, uma vez que foram, tipos específicos para certos protótipos ou retratos de ideias, cada um para as espécies que se assemelha”.

27 *De antiquissima Italorum sapientia*, em *Opere 1*: 185.

o “olho do engenho”²⁸.

Esta capacidade não faz parte do reino do jogo. Vico sustenta que os seres humanos vivem antes de tudo no mundo da fantasia. O engenho e a fantasia pertencem de início ao conhecimento e à formação do mundo humano.

A parte da fantasia voltada para a criação do mundo humano e da sua história é justificada por Vico, entre outros, com a sua conhecida afirmação que a primeira linguagem foi uma linguagem fantástica, que os primeiros homens eram poetas:

“Principio de tal origem e das línguas e das cartas foram descobertos entre os primeiros povos das nações, por uma revelada necessidade de essência, foram poetas, os quais falavam através de caracteres poéticos; a qual descoberta, que é a chave maestra desta ciência, custou a pesquisa obstinada de quase toda a nossa vida literária, mas que tal essência poética de tais primeiros homens, em nossa nobre natureza, é completamente impossível imaginar e a grande custo é possível compreender. Tais elementos foram encontrados em certos tipos fantásticos (ou imagens, principalmente de substâncias animadas ou de deuses ou de heróis, formado por sua imaginação), aos quais reduziram todas as particularidades a cada gênero pertencente”²⁹.

Enquanto o homem racional busca alcançar o conhecimento da realidade através de definições (isto é, através de descrições de espécie e de tipos específicos), o ser humano em que a razão não é ainda desenvolvida, busca alcançar o conhecimento da realidade conectando as espécies particulares a imagens, isto é, a universais fantásticos. A fantasia recolhe dos sentidos os efeitos sensoriais dos fenômenos naturais e os combina e aumenta até exagerá-los, transformando-os em imagens luminosas que de improviso deslumbram a mente com a própria luz e estimula as paixões humanas com o trovão do extraordinário³⁰.

Pode-se argumentar que Vico atribuiu ao dizer metafórico e fantástico apenas o significado de um dizer impróprio, que se torna apropriado somente através da lógica; isto porque ele restringe o uso do dizer metafórico e fantasioso a um primeiro período da história. Para esta observação se pode responder abordando os fatos e esclarecendo as relações entre a atividade engenhosa e imaginativa e o senso comum, ou examinando mais profundamente o domínio concreto no qual o engenho e a fantasia são capazes de construir o mundo humano.

28 NS, par. 34; cf. par. 699: “Já que a razão naqueles dias não foi excessivamente refinada através da arte de escrever, não através da espiritualidade e do habito da aritmética, não era isso uma capacidade abstrativa de desenvolvimento através de expressões numéricas abstratas, isto não foi criticismo ou julgamento que era praticado, mas tópicos ou inventividades”.

29 *Orazione in morte di donn'Angela Cimmino, marchesa della Petrella*, em *Opere 7*: 170.

30 NS, par. 14.

5. O domínio de competência do senso comum: o trabalho

Segundo a definição de Vico, o senso comum tem a finalidade de dar ao homem aquilo que ele precisa. Além disso, vimos que o engenho e a fantasia presidiram a emergência do mundo humano. Assim devemos perguntar se e como o engenho e a fantasia contribuíram com o senso comum e qual relação liga um e outro. De fato, referindo-se simplesmente a estas três funções a fim de elucidar a dialética interna da *Ciência Nova*, não se pode descobrir a real estrutura do modo que Vico aborda a história.

Vico definiu claramente como *trabalho* a função graças a qual as necessidades humanas recebem satisfação. O mito de Hércules está na base da história pois, segundo Vico, esta figura mítica é sempre aquela representada como a primeira a efetuar a humanização da natureza. “São os Hércules fundadores das primeiras nações gentis [...], pois tais Hércules domaram as primeiras terras do mundo e o reduziram à cultura”³¹. O primeiro ato humano consistiu na adaptação da natureza. Não é necessário citar outros passos da *Ciência Nova*, onde se diz que o primeiro trabalho humano consistiu no abate de florestas virgens para criar os primeiros espaços que pertenceriam claramente ao ser humano, em que se diz que o altar foi a origem da cidade como sede da comunidade e das suas instituições.

Os esforços de Hércules pressupõem um conceito de natureza que é anterior a sua humanização, isto é, como realidade sujeita ao homem, e pressupõe também a previsão de sucesso obtido com o próprio esforço. Em seguida, o trabalho deve ser concebido como uma função que de conjunto confere significado e fez uso de um significado, não como uma atividade puramente mecânica ou uma transformação puramente técnica da natureza externa no contexto geral das funções humanas. Diferentemente seria apenas um ato inexplicável de violência, que efetuaria a devastação na natureza.

Se o senso comum tem a tarefa de dar ao homem aquilo de que precisa, o engenho e a fantasia devem operar antes de tudo no campo do trabalho. Isso só pode ser entendido colocando as relações (semelhanças) entre o que o homem tem necessidade (por exemplo, necessidade de beber) e aquilo que os sentidos lhe dizem em cada específica situação concreta existente na natureza (por exemplo, a disponibilidade de água), o homem efetua a transferência de significado que o conduz a ação apropriada (por exemplo, procurar água de modo que ela fique a sua disposição). Este é o significado do trabalho.

31 NS, par. 2.

A posição de relações e transferências de significados que os sentidos se referiam (*metaphérein*), são atividades respectivamente do engenho e da fantasia. Assim, o senso comum funciona originariamente no interior da estrutura “engenhosa” do trabalho e não no interior da esfera do pensamento racional. Portanto, o *sensus communis* não consiste num modo “popular” ou “comum” de pensar, como pretende o ponto de vista racionalista. Mas está fora do processo racional, no interior da esfera do engenho e tem um aspecto inventivo.

Apenas o trabalho é capaz de colocar à luz a objetividade da atividade do engenho e da fantasia; isso ocorre se uma dada relação que é posta é puramente subjetiva enquanto incorre em insucesso, ou é objetiva enquanto se atinge um sucesso. É também através do trabalho que se revela a objetividade da natureza, pois apenas o trabalho dá o conhecimento experimental da impossibilidade de tratar arbitrariamente a natureza e faz entender que apenas um determinado material e um determinado modo de tratá-lo, ou de adaptá-lo, permite atingir a finalidade das nossas ações.

Então Vico sustenta que as nações foram induzidas a viver segundo o direito e a constituir comunidades, pois que pretendiam satisfazer as suas necessidades ³². Por isso ele acentua tanto o fato de que esta situação se determinou antes se revelarem os filósofos: “Assim os primeiros povos, os quais foram as crianças do gênero humano, fundaram primeiro o mundo da arte; depois os filósofos, que chegaram longo tempo depois, conseqüentemente como os velhos das nações, fundaram aquele da ciência: onde foi totalmente realizada a humanidade”³³.

Se o senso comum tem suas raízes na atividade do engenho e da fantasia, é uma irradiação da espiritualidade humana e pode ser interpretada apenas como expressão de uma experiência fundamental, de ausência de analogias ou estruturas comuns entre as necessidades humanas, a natureza e a necessidade de procurar as próprias analogias. A espiritualidade deve ser interpretada aqui como uma “carência”, isto é, como uma fraqueza da sólida união originada entre a fantasia e o impulso ou necessidade. Tomando menos o engenho que tende a se colocar de frente a cada nova situação, o homem seria reduzido à imobilidade de conclusões racionais obtidas das relações já estabelecidas, incapaz de nada revelar de novo. Um mundo constituído por tal racionalidade pura deve estar arruinado por falta de espiritualidade: “em tal modo, em longos séculos de barbárie vão enferrujar as sutilezas malnascidas dos engenhos maliciosos, que lhes haviam feito confiantes à

32 NS, par. 496.

33 NS, par. 1114. A crítica da prevalência do pensamento racional é também expressada na seguinte sentença: “No curso dos longos séculos de barbárie, a ferrugem consome as *sutilezas grotescas de faculdades intelectuais más* que, através da barbárie da reflexão, eles se transformaram em animais mais desumanos do que tinham sido na primeira barbárie da existência sensual” (NS, par 1106).

desmedida com a barbárie da reflexão que não foi a primeira barbárie do sentido”³⁴.

Retomando esquematicamente esta ideia, pode se dizer que a unidade da ação como sistema fechado consiste de uma necessidade que torna possível a transferência de significados aos fatores ambientais neutros e coloca em movimento a ação. A necessidade se apaga quando o significado se realiza. A fantasia é o “olho do engenho”, pois cria metáforas originais através da transferência de significados. O *sensus communis* se manifesta exatamente nesta estrutura de trabalho.

6. A lógica da fantasia.

Considerando tudo o que foi dito até agora, devemos perguntar o que Vico entendeu quando dizia que os homens originariamente pensavam com gêneros fantásticos e universais fantásticos, em vez de conceitos racionais. Outro problema fundamental que aqui deve ser discutido é o seguinte: é possível (e em caso afirmativo, em qual sentido e com quais limites?) desenvolver as ideias oferecidas por Vico de modo a ter uma “lógica da fantasia” capaz de dar ao *sensus communis* uma dimensão mais profunda capaz de distingui-lo da lógica racional?

As palavras *gêneros* e *universais* pertencem a parafernália da lógica tradicional que tende a subdividir e classificar os objetos individuais em espécies e gêneros mediante um processo de abstração (que revela propriedades comuns) com o propósito de colher as essências, ou seja, os fatores comuns existentes nos elementos diversos e preparar as próprias definições.

Vico construiu a sua teoria dos gêneros e universais fantásticos não utilizando a abstração, mas apelando para a criação de retratos ideais, de figuras típicas, isto é, de símbolos como as fábulas ou os personagens míticos (por exemplo, Aquiles e Hércules).

Essas figuras poéticas e fantásticas pertencem a uma forma especial de pensamento, e ao mesmo tempo criam uma inversão da lógica tradicional, pois não são disfarces poéticos de conceitos racionais. O conceito fantástico ou imaginativo (a concepção ou compreensão que leva a uma definição) colhe e circunscreve em si (segundo o termo grego *hóros*) uma multiplicidade de elementos através de uma imagem, de modo a exprimir a essência em termos de universais, por exemplo, o leão como essência da força, a cabeça como essência da altura. Como o pensamento racional determina diferenças entre os indivíduos para formar espécies e gêneros mediante abstrações, assim o *conceito de imaginação* cristaliza uma realidade através do ato de engenho, como uma visão direta de uma totalidade pictórica. Isto faz com que uma figura seja ao mesmo

34 NS, par. 375.

tempo exemplar e alegórica. As imagens da lógica poética são expressões do ato imaginativo mediante o qual é pregada uma relação entre as coisas distantes umas das outras (como disse Vico): deste modo se realiza a lógica da imaginação. Vico disse:

“Portanto, a sabedoria poética, que foi o primeiro saber das gentes, precisa começar a partir de uma metafísica, irracional e abstrata que é esta ou a dos doutrinados, mas sentida e imaginada tal como devia ser daqueles primeiros homens, desde aqueles que eram de nenhum raciocínio e todos com robustos sentidos e vigorosíssimas fantasias”³⁵.

A lógica que corresponde a esta sabedoria e metafísica poética emprega um modo fantástico de falar; de fato se trata sempre de uma “metáfora que possui semelhanças retiradas dos corpos a significar trabalhos de mentes abstratas”³⁶. Portanto, a metáfora é o modo original de passar do particular ao universal mediante representações pictóricas, para realizar uma imediata revelação da totalidade. Por exemplo, “assim deve ser que *“tignum”* e *“cultem”* significavam com toda propriedade “barrote” e “palha” no tempo das “palhas”; em seguida, com o brilho das cidades, significaram toda a matéria e o complemento dos edifícios”³⁷.

Na lógica da fantasia o “exemplo” age como a primeira forma da coordenação das ideias, e este “exemplo”, que no dizer de Vico “se contenta com uma só [coisa]”³⁸ e pertence ao domínio da lógica da imaginação, assume a mesma função que a indução desenvolve na lógica racional. Vico distingue explicitamente a indução racional “que precisa mais” do “exemplo” do que tem necessidade apenas de *uma* semelhança para convencer. Para esclarecer esta tese ele cita, entre outras, a fábula de Menenio Agrippa.

Portanto, a necessidade de falar de uma lógica da imaginação nasce deste fato: se não formamos conceitos racionais de gêneros, sentimos a necessidade de criar “caracteres poéticos”, isto é, conceitos de gêneros, ou universais criados a partir da fantasia com propósito de reduzir tipos especiais a protótipos ou retratos ideais, para reduzir cada indivíduo ao gênero ao qual pertence³⁹.

Como as crianças seguem as ideias e os nomes dos homens, das mulheres e das coisas que conheceram primeiro e concebem as coisas que conhecem depois com base na semelhança com aquilo que conheceram primeiro, assim “a verdade poética é uma verdade metafísica, aspecto do qual a verdade física, que não é cumprida, deve se manter no lugar do falso. Do que emerge esta importante consideração em razão poética: que o verdadeiro capitão de guerra, por exemplo, é

35 NS, par. 404.

36 NS, par. 407.

37 NS, par. 424.

38 NS, par. 209.

39 NS, par. 205.

Goffredo que se finge Torquato Tasso; e todos os capitães que se não adaptam em tudo e para tudo a Goffredo, esses não são verdadeiros capitães de guerra”⁴⁰.

De um ponto de vista puramente fatural, podemos dizer que nos sentimos autorizados a falar de uma lógica da fantasia diferente da lógica racional, da consciência que a palavra “lógica” nasce do verbo “*légein*” que significa “escolher” e “colocar junto”. O processo racional com o qual se estabelece relações consiste na combinação ou conexão de coisas ligadas, e na separação de coisas não ligadas. A explicação e a prova deste caso nascem de um processo de derivação de relações na base de premissas dadas.

Na lógica racional o *universal*, que deve representar aquilo que é comum entre os indivíduos de uma classe, é atingido mediante um processo de abstração, mediante o qual se procede da percepção dos objetos individuais ao que é essencial, e constitui os gêneros e as espécies. Também nesta lógica, a “conexão” é um processo de derivação. Similarmente a atividade mental consiste de um processo de derivações.

A lógica da fantasia, ao invés da ação de colocar em relações (*légein*) coisas remotas umas das outras, consiste em uma conexão originária e imediata, em uma conexão que para a sua imediatez pode aparecer apenas na forma de uma visão instantânea ou, em outras palavras, na forma de uma imagem.

Por sua vez, os universais fantásticos são o resultado de uma invenção, e em oposição com os universais racionais tem um impacto emocional sobre a força de seu caráter pictórico.

Finalmente, a atividade mental na lógica da fantasia não consiste em um processo racional, mas se exprime numa originária e dupla experiência, que consiste em perceber a falta de conexões necessárias e em perceber a necessidade de tais conexões sobre a qual se possa e se deve construir o mundo humano.

Aqui devo insistir sobre um ponto que é muito importante: seria um erro e um mal-entendido gravíssimo interpretar o pensamento de Vico como se nele a lógica da fantasia fosse limitada a forma puramente simbólica, por exemplo, como a pensa Ernest Cassirer. A essência da lógica fantástica e imaginativa de Vico não consiste no quadro de imagens, símbolos ou analogias concebidas em abstrato, mas na necessidade constante de estabelecer relações entre aquilo que o homem precisa para realizar-se e aquilo que os sentidos apresentam em situações sempre novas; estas relações devem ser estabelecidas mediante a atividade do engenho e da fantasia (que forma a estrutura fundamental e a raiz do *sensus communis* e se manifesta no trabalho) e com o uso de

40 NS, par. 1106.

conceitos fantásticos. Em outras palavras: a lógica da fantasia deve ser comparada intimamente ao trabalho entendido como humanização da natureza, diversamente a imaginação e os seus produtos devem ser definidos como atividade “irreal” que desvia da realidade histórica.

O significado que atribuo à lógica da fantasia não deve, portanto, ser entendido no sentido de um interesse puramente teórico no contexto de uma crítica contra o prevalecente racionalismo. Mas, devo fazer notar que esta insistência sobre a lógica da fantasia e a interpretação que faço, nasce da consciência que essa representa o pré-requisito de uma linguagem comum que seja expressão do senso comum, de modo a prevalecer sobre a linguagem racional. Com isso pretendo mostrar que a tradição humanista que atinge o seu ápice em Vico, oferece uma resposta válida aos problemas que nascem hoje, por exemplo, graças ao marxismo no campo da reflexão sobre a linguagem. Eu penso que o marxismo com a sua crítica ao idealismo, com seu ataque contra uma dialética das ideias que se desenvolvem independentemente em uma esfera puramente racional e que fornece as premissas para uma sucessiva derivação *a priori* da dialética da história, tem favorecido o reconhecimento do primado e da prioridade de uma linguagem não racional, isto é, de uma linguagem comum (cfr. a tese de Antonio Gramsci) nascente no processo concreto e histórico do trabalho. Esta tese consegue sua legitimidade teórica apenas através da lógica da fantasia.

A tese de Vico sobre a capacidade imaginativa dos primeiros seres humanos não deve ser compreendida em sentido cronológico, pois o engenho e a fantasia, isto é, o pensamento metafórico e analógico, pertencem a natureza originária do homem e, portanto, ao trabalho como realização do *sensus communis*. O engenho e a fantasia fornecem a condição para a “descoberta” das premissas da qual nasce a atividade racional, para desenhar suas conclusões, com o propósito de dar sistematicidade àquilo que foi mostrado à intuição.

Esta interpretação se confirma no fato de que Vico fala de uma volta à barbárie. Segundo ele, a barbárie reaparece cada vez que se perde o contato originário com a realidade através do engenho e da fantasia e se refugia em considerações puramente racionais:

“E, de tal modo, dentro de longos séculos de barbárie vão enferrujar as malnascidas sutilezas de engenhos maliciosos, que lhes haviam feito soberbos em desmedida com a barbárie de reflexão que não havia sido a primeira barbárie do sentido. Pois que aquela descobria uma altivez generosa das quais outras podiam defender-se ou aceitar ou se mirar; mas esta, com uma soberba vil entre lisonjas e abraços, assedia a vida e as fortunas de seus confidentes e amigos. Por isso povos feitos de malícia reflexiva, como se fosse o último remédio, que adotam a providencia, assim atordoados e estupidificados, não sentem mais comodidades, delicadezas, prazeres e fasto, mas somente as necessárias utilidades da vida; e, no pouco número dos homens que enfim permanecerão e na

abundancia das coisas necessárias à vida, enfim tornar-se-ão naturalmente acomodados”.⁴¹

7. A “indução das semelhanças”

A definição de trabalho como reino originário e concreto do senso comum conduz a conclusão significativa sobre os vários tipos de pensamento científico discutidos no início deste ensaio.

O conceito tradicional de indução consiste na redução (*inductio, peri-agogé*) de uma multiplicidade a um fator comum, ou seja, aquilo que constantemente continua a ser a mesma coisa na multiplicidade. É apenas sobre a base da constância que se pode tomar a multiplicidade dos fenômenos em sua própria essência, através de um processo dedutivo. Mas se a indução é olhada de maneira tradicional, pelas razões já mencionadas, resulta inadequada como meio de conhecimento.

Ao conceito tradicional de indução, Vico opõe o seu conceito de “indução das semelhanças” que definiu como intuição da “semelhança” entre as necessidades humanas e a realidade natural, da qual parte o senso comum no trabalho.

O trabalho é caracterizado sempre a partir desta estrutura indutiva:

“ 'Arguti' autem sunt, qui in rebus longe dissitis ae diversis similem aliquam rationem, in qua sint cognatae, animadvertunt, et ante pedes posita transiliunt, et a longinquis locis repetunt commodas rebus, de quibus agunt rationes: quod specimen ingenii est, et 'acumen' appellatur. Unde ingenio ad inveniendum necesse est: cum ex genere nova invenire unius ingenii et opera et opus sit

Qui cum ita se habacant, verisimilis coniectura est antiquis Italiac philosophis nec syllogismum, nec soritem probari, sed inductione similium in disserendo usos esse. Et ratio temporum id suadet: nam antiquissima omnium dialectia ert inductio; et collatio similium, qua ultimus Socrates usus est”.

Como na metafísica tradicional, Vico deriva também a definição da realidade a partir de um princípio que é o axioma pelo qual é preciso retomar continuamente a indução das semelhanças de frente às necessidades sempre novas e diversas (espirituais e materiais). Assim, não se pode mais pretender formular respostas específicas a esta questão de fundo, nem se pode fixar estas respostas em um teorema abstrato que seja válido por todos os tempos e por todos os lugares. Este é o escopo e este é o significado da tese de Vico.

Contra aqueles que sustentam a logística, é preciso ter presente que a “indução de

41 *De antiquissima Italorum sapientia*, em *Opere* 1: 183-184.

semelhanças” é um contraste com cada formalismo de natureza lógica: o ato indutivo do engenho relaciona invariavelmente as questões que levam à satisfação das necessidades; isso está relacionado a um “valor de verdade”, a um “conteúdo espiritual”.

Vico qualifica a linguagem originária, fantástica e metafórica como “engenhosa”, porque é adequada ao *argumen*, a acuidade do engenho. A linguagem engenhosa não pode mais ser reduzida ao cálculo. É constituída essencialmente de analogias e metáforas, e como tais se contrapõe claramente à fixação da logística. A metáfora, enquanto toma características comuns, representa a estrutura fundamental da linguagem; não se torna mais uma camuflagem imaginativa das ideias, mas é fonte de argumentos sempre novos utilizados em inferências.

A logística tende a superar o dizer metafórico eliminando as imagens da linguagem científica. A linguagem formalizada do cálculo, segundo aqueles que sustentam a logística, deve substituir a linguagem metafórica que é rejeitada como “imprópria”, enquanto não transferível. Mas por esta abstração racional e pelo fato de que não é transferível, o procedimento logístico puramente dedutivo se desenvolve com rigidez e não pode ter qualquer de ser inventivo.

No que diz respeito ao estruturalismo em gênero e os seus defensores marxistas, é preciso ter presente uma coisa muito importante. Com Vico, a dualidade de sujeito e objeto nasce da experiência humana fundamental das possibilidades com a qual cada um tem sempre que se deparar. O homem como sujeito trabalha sobre a base de relações de semelhança que não lhes são familiares desde o nascimento. Ele se encontra estranho e só diante da natureza, que percebe através dos seus sentidos. O homem singular, o homem como sujeito, tem diante de si a natureza como uma realidade que deve ser definida e adaptada, de modo que como sujeito ele não é parte originária da natureza. A base estruturalista segundo a qual a autoafirmação do sujeito é um ponto de partida abstrato é insustentável.

Em contraste com a censura que o estruturalismo promove ao humanismo, o trabalho, segundo Vico, não é o resultado de um ato criativo generalizado e abstrato. A adaptação da natureza, isto é, o produto do trabalho, segundo Vico, nasce da relação concreta que continuamente se transforma, porque depende de circunstâncias ocasionais, estabelecidas entre as necessidades humanas e a realidade fornecida pela natureza. Determinar e revelar os fatores a cada passo é determinar e revelar situações específicas como seções de uma totalidade, que constitui o viver e o agir de modo significativo. Fora desse contexto concreto, a função do engenho e da fantasia ficaria banal. A contínua invenção e descoberta das relações leva constantemente a diversas espécies de produção, distribuição e consumo, e determina as respectivas formas de função do trabalho no interior da sociedade.

Para concluir: o pensamento racional, o senso tradicional, consiste em conectar (*légein*) e abstrair com o propósito de definir as manifestações sensíveis ordenadas para a obtenção de princípios universais e necessários, e com o propósito de dar consistência e explicação às definições correspondentes. Vico encara este processo com o conceito de pensamento metafórico, que é um processo de combinação, conexão (*légein*) e abstração, mas de natureza não racional. A visão que o engenho tem das relações entre as manifestações sensíveis (um ponto de vista que considera a metáfora), representa o primeiro aspecto do processo de conectar, isto é, o aspecto característico da *perspicácia*. A determinação de relações é efetuada com a finalidade de satisfazer necessidades, onde se possa realizar. Neste processo intervém o discernimento do engenho, que efetua as suas abstrações alimentando todas as outras possibilidades significativas dos fenômenos sensíveis e criando um significativo mundo humano por meio do trabalho.

Os motivos principais do humanismo, isto é, a nova interpretação e afirmação do *sensus communis* (que encontramos também em Lorenzo Valla e em Nizolio), a defesa do homem como sujeito empenhado na tarefa de definir e adaptar a realidade sobre a base de esquemas que devem ser descobertos (como sustenta Pico della Mirandola e Guarino Veronese), a recusa da prioridade do pensamento racional e de sua linguagem (Leonardo Bruni e Agnolo Poliziano), são motivos que atingem a própria expressão filosófica mais alta e o significado mais vivo em Giambattista Vico. A sua filosofia é a defesa de uma tradição que, desde os tempos de Descartes, ninguém mais havia levado em consideração.

RECEBIDO EM 12-07-2016

APROVADO EM 04-04-2017